sublimierung: a pulsão em sua deriva

KÁTIA BOTELHO DE CARVALHO

Si vis vitam, para mortem.
Freud[1]

Texto extraído da dissertação de mestrado *A sublimação como um destino da pulsão no tratamento psicanalítico*, apresentada ao corpo docente do Mestrado Interinstitucional UFRJ – PUC/Minas em setembro de 2001, sob orientação da Profa. Dra. Vera Lopes Besset.

EMBORA Freud, ao longo de toda a sua vida, tenha se referido ao destino particular da pulsão que é a sublimação, começando em 1897 com a "Carta 61", endereçada a Flies, e chegando até 1938 no *Esboço de psicanálise*, não dispomos, todavia, de uma teoria da sublimação propriamente dita. Nem mesmo o famoso estudo de Freud sobre a sublimação, escrito nos anos de 1914-1915, que faria parte dos doze textos de sua *Metapsicologia*, pôde ser encontrado.

Podemos nos perguntar se, após o retorno feito por Lacan à originalidade da descoberta e invenção freudianas, com a retomada dos conceitos fundamentais da psicanálise e, no tocante à sublimação, com o célebre seminário sobre a ética, passamos a dispor de uma tal teoria. Naquilo que nos concerne, não estamos convencidos de poder dar a essa pergunta uma resposta definitiva.

Aqueles que, dentre nós, vieram se ocupando do tema utilizaram o conceito ora a partir de um ângulo, como, por exemplo, sua dimensão de "valor social", ora a partir de um desvio da finalidade estritamente sexual para metas mais elevadas. Ora como um dom que algumas pessoas tivessem por si mesmas — e aí se entende a sublimação na vertente da criação, ora como um modo de socializar a pulsão.

Mesmo depois de Lacan ter formulado o conceito de sublimação nos termos da "elevação do objeto à dignidade da Coisa", encontramos elaborações teóricas opostas, a partir da apropriação particular que diferentes psicanalistas fazem desse aforismo. Assim, é possível encontrar, numa mesma coletânea, um autor que o interpreta como um "movimento pelo qual um novo objeto vem mascarar o vazio da Coisa"[2] e, algumas páginas adiante, um outro que, ao levar em consideração o termo *anamorfose*, recobrado por Lacan, modifica totalmente seu entendimento. Nesse caso, não se trata de pensar a elevação do objeto à dignidade da Coisa no sentido de "pôr um objeto imaginário diante da Coisa", mas de "dar ao objeto o status de

[1] "Si quieres soportar la vida, prepárate para la muerte". Modificação feita por Freud no apótema: "Si vis pacem, para bellum", que se traduz para o espanhol como: "Si quieres conservar la paz, ármate para la guerra". Encontra-se no texto De guerra y muerte; temas de actualidad, de 1915.

[2] Stasse. Paradoxos da sublimação. In: FUNDAÇÃO Campo Freudiano. *O sintoma-charlatão*, p.80.

uma invenção, de uma criação que não encobre a Coisa, mas sim a faz surgir, a mostra";[3] não se trata somente da função de anteparo, de contenção do gozo, que, operando como proteção [*Reizschutz*], facilita a tarefa de civilizar a pulsão.

[3] Pereña. Síntoma e criação. In: Fundação Campo Freudiano. *O sintoma-charlatão*, p.150.

Trata-se aí, em especial, da sublimação concebida como uma operação que favorece a mobilidade libidinal, a abertura do sujeito ao novo, ao que surpreende, à possibilidade de criação de novas formas a partir do encontro com a estranheza da Coisa. Desse modo, a sublimação afasta-se do que poderia ser considerado por alguns como mera substituição ou repetição a partir de uma fixação decorrente do encontro com o real do gozo.

Entender o aforismo lacaniano no sentido restrito de "pôr um objeto imaginário diante da Coisa" parece-nos correr o risco de deslizar rapidamente para uma confusão já advertida por Freud em 1914, no seu artigo sobre o narcisismo: a indistinção entre *sublimação*, que concerne ao desvio na finalidade da pulsão, apontando para sua condição de deriva, e *idealização*.[4] Neste segundo processo, o que se visa é o objeto mesmo, que se torna engrandecido e realçado sem que haja qualquer mudança na sua natureza. Vê-se aí, na *idealização*, um funcionamento decorrente da operação do recalcamento que, como sabemos, se encontra na base da produção do sintoma. E mais: a formação mesma do ideal aumenta as exigências do eu, favorecendo fortemente o recalque. Conforme Freud trabalha nesse texto de 1914, a sublimação é uma operação que permite cumprir as exigências do eu "sem *dar lugar* ao recalque" [*ohne die Verdrängung herbeizuführen*]. Pensamos ver aí uma possibilidade nova de lidar com os retornos do recalcado, de um modo que prescinde da reiteração do mecanismo do recalque secundário, que, como sabemos, é o recalque propriamente dito. Por isso se diz que o neurótico sublima pouco — nele, há excesso de recalcamento, ou ainda, recalque elevado à segunda potência. Portanto, sublimar pode tomar a forma de um "fazer diferente" com o retorno do recalcado.

[4] Cf. Freud. *Introducción del narcisismo*, p.91-92.

Conquanto não haja uma teoria acabada da sublimação, Freud fez dela um conceito analítico, na medida em que a situou como um dos quatro destinos da pulsão.

Fato interessante: não foi a partir dos tratamentos conduzidos por Freud que ele teria sido levado a conceituar a sublimação, pois, de maneira geral, encontramos a impressão de que aqueles que sublimam raramente buscam um tratamento analítico. Se o fazem, é em razão de se sentirem paralisados por algum sintoma, inibição ou angústia.

Coisa curiosa: nosso percurso foi justamente o inverso. Foi exatamente a partir da nossa experiência com a psicanálise, ou seja, da nossa prática clínica, que fomos progressivamente instigados a trabalhar o conceito de sublimação, em sua perspectiva teórica.

Acontecia que, após um certo percurso de análise, o sujeito começava a se interessar vivamente por atividades que até então lhe eram indiferentes, como no caso daquele analisante que se engajou no ofício de fazer pães, ou daquela que descobriu o prazer e a arte de plantar, uma outra que ousou aprender danças flamengas e se iniciou nas artes dramáticas.

De fato, encontramos também alguns exemplos de sujeitos que, após um tempo de tratamento, retomaram o trabalho de sublimação que estava paralisado por inibição ou angústia. Temos em mente duas mulheres, ambas casadas, que já haviam se iniciado na arte da pintura e da cerâmica, mas, quando vieram em busca de ajuda, encontravam-se em estado de paralisação. Curiosamente, ambas separaram-se dos respectivos maridos e engajaram-se em intensa produção artística, que culminou inclusive em exposições não só coletivas, mas também individuais.

Há também o caso de um jovem escritor tomado por intensa angústia que se manifestava, entre outras coisas, pela inibição da escrita e idéias obsedantes de suicídio. Ele não só volta a escrever como publica vários livros de poemas.

Dizer que se trata de retomada do trabalho de sublimação que havia sido paralisado por inibição, sintoma ou angústia parece acarretar uma conclusão de que o trabalho analítico pouco ou nada tem a contribuir com o processo de sublimação em si. Ao contrário, fomos conduzidos, em nossa elaboração teórica, pela hipótese de que um percurso analítico favorece e amplia as condições de possibilidade do processo de sublimação. Para nós, não é pouco dizer que se trata do levantamento das inibições ou da superação de sintomas e do enfrentamento da angústia.

Se e quando um neurótico se engaja num trabalho de análise, há uma elaboração de seu sintoma, ele sai do gozo silencioso e secreto ao qual se havia devotado. Ao falar, é levado, aos poucos, a se deparar com sua estrutura fantasística singular. A partir daí — do lugar de sua fantasia — pode se pôr a trabalhar de modo criativo. Já não nos dissera Freud, desde suas primeiras conjecturas sobre a sublimação, na "Carta 61", que elas, as fantasias "histéricas", são estruturas protetoras, um modo de lidar com os fatos (podemos ler aqui a dimensão do real pulsional) de maneira sublimada, ou seja, a transformação de algo de natureza tipicamente sexual no que ele chamou "poetizações protetoras"?

Embora se possa deduzir da imagem de "parapeitos psíquicos" um certo caráter defensivo na sublimação, conforme apresentada por Freud no "Manuscrito L", a propósito da arquitetura da histeria, propomos entendê-la de um outro modo — partir da premissa freudiana que mostra que toda pulsão é dotada da capacidade para permutar suas vias, assim como do caráter inteiramente secundário do objeto para a satisfação da pulsão. Assim, consideramos que Freud introduziu o termo *Sublimierung* no sentido de realçar o processo mesmo de escoamento pulsional, que não cessa de perfazer seu circuito em busca de satisfação. E não seria o próprio movimento, o escoar em si, o de que se trata na satisfação [*Befriedigung*] da pulsão? Se assim for, uma outra questão se apresenta: não se trataria então de extrair satisfação da própria atividade do aparelho psíquico?

De fato, as diversas modalidades de arranjos sublimatórios possíveis só mostram que a pulsão é deriva [*Trieb*], ela é impulso, movimento, vida. Está condenada, por definição, a sofrer vicissitudes. Nesse sentido, a obra de arte é a forma "par excellence" — por ser um expoente estético e de aceitação universal, que demonstra até onde uma pulsão pode ir em seu derivar [*treiben*]. Mas há também o que podemos denominar de "arranjos sublimatórios menores", tais como dançar, cantar, tocar, cozinhar, costurar, bordar — a lista é longa, talvez sem fim. Foi o próprio Freud quem nos advertiu do valor do trabalho para nossa economia libidinal, considerando o grau de satisfação particular que uma dada atividade profissional pode ocasionar quando escolhida livremente, ou seja, quando "torna possível, por meio da *sublimação*, o uso de inclinações existentes, moções pulsionais persistentes ou constitucionalmente reforçadas".[5]

[5] Freud. *El malestar en la cultura*, p.80.

E quanto ao processo psicanalítico? Pensamos que a análise é também uma situação em que se mostra tal caráter de deriva da pulsão. Daí decorre a ênfase que demos, ao longo do nosso trabalho dissertativo, à importância da regra de abstinência para se conduzir um tratamento psicanalítico, apontando para a ética de nunca jamais ceder, o que remete o sujeito em análise a associar livremente, a fazer falar o sintoma, o qual, sabemos, é uma estratégia do sujeito frente às exigências pulsionais. Podemos dizer que o sintoma porta sempre os restos da vivência pulsional e tem uma relação essencial com a insatisfação. No sintoma, é o próprio corpo que é tomado como suporte lingüístico, mas, na medida em que é decifrado, há uma recuperação do sentido encarcerado, uma liberação.

Numa análise, na medida em que há um debilitamento do que é vivido como desagradável pelo sujeito, e que está em

ação a operação de perlaboração [*Durcharbeitung*], ocorre uma diminuição gradual da repulsão proveniente do consciente, o que diminui as exigências de um recalque secundário. Ali o sujeito faz a experiência do inconsciente e encontra novos modos de lidar com a angústia, com o vazio, com o silêncio pulsional que habita o amor de transferência.

A partir da concepção da pulsão enquanto deriva, podemos compreender a colocação de Besset de que a capacidade para sublimar seria prévia ao tratamento — "condição para o exercício da atividade intelectual da associação livre e não um objetivo da cura".[6] De fato — é o momento de dizer — é o próprio caráter derivante da pulsão, ou seja, sua potencialidade sublimatória, que permite e até mesmo faz com que uma análise caminhe. Como tudo o que é da ordem pulsional, nenhum destino é exclusivo.

[6] Besset. Entre o sublime e o ridículo "*il n'y a qu'un pas...*": considerações sobre a sublimação e o mal-estar, p.6. (Inédito)

Quanto à afirmação relativa ao fato de a sublimação ser ou não um objetivo do tratamento, concordamos literalmente com Colette Soler que, às voltas com o problema da sublimação, responde a um interlocutor:

> Temos razão ao dizer que a meta de uma análise não é a sublimação, no sentido da criação artística. A análise nunca se propôs esta meta, me parece. Mas também me parece que o bem dizer é uma sublimação. Que o bem dizer aponta para uma meta de sublimação, quer dizer, para algo que não é a fixação sintomática, que tampouco é a criação de novas formas de gozo, mas sim um modo de acercar-se da Coisa com o bem dizer. E, neste sentido, é uma sublimação. Não encontro nenhuma impossibilidade para não dizê-lo.[7]

[7] Soler. El problema de la sublimación, p.103.

Entretanto, afirmar, como alguns insistem em fazê-lo, que o percurso da análise não conduz à sublimação, persiste como uma questão polêmica.[8] Tal afirmativa pode ser desdobrada em duas: por um lado, há o fato constatável de que um percurso de análise se faz acompanhar de efeitos sublimatórios, quanto a isso, nossa experiência clínica é conclusiva; de outro lado, a dificuldade em diferenciar o fim da análise da sublimação. Há quem chegue a afirmar que existe um perigo em se superpor uma e outra.

[8] Cf. Vieira. Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto. In: *Os destinos da pulsão*; sintoma e sublimação, p.141.

Dizemos que a descoberta do ponto de vazio central no coração do sujeito é um elemento daquilo que se revela no final de uma análise, quando se opera um movimento de disjunção, pelo qual se revela o lugar que era do objeto que obturava o vazio. Aqui entramos num terreno movediço: quando acompanhamos Lacan, entendemos que a finalidade da

experiência analítica requer o atravessamento da fantasia. Por outro lado, em Freud, aparece a idéia de criação artística *a partir* da fantasia. No caso do neurótico, sua dificuldade para sublimar situa-se na vertente de repetição do sintoma e na respectiva fixidez do fantasma. Portanto, se pensamos na sublimação dando-se a partir da fantasia, somos levados a concebê-la numa vertente imaginária, articulada ao fato de que no fantasma há um objeto imaginário obturador da falta. Daí, somos levados ao pensamento comum que vê na arte, por exemplo, uma dimensão alienada, de fuga da realidade, de ilusão.

Entretanto, se há atravessamento da fantasia, se algo da castração é vivido pelo analisante, daí por diante opera-se uma torção — há uma inclusão da falta nas operações do sujeito [a/-j]. O impacto da descoberta da impossibilidade de conjunção plena, de não poder fazer valer a completude fantasmaticamente perseguida, de que resta um vazio no significante leva, necessariamente, a uma nova posição do sujeito.

Aí é preciso distinguir quando um objeto está sendo usado para tamponar a Coisa e quando para fazê-la emergir, ou melhor, para vislumbrá-la. Para entender este "objeto elevado à dignidade da Coisa", é preciso que o objeto conserve o vazio da Coisa, de modo que nem todo objeto imaginário estará no nível daquilo que chamamos uma sublimação.

Parece oportuno refletir um pouco sobre o temor de alguns analistas de que se possa confundir final de análise e sublimação — não seria pelo fato de alguns terem compreendido a sublimação a partir da perspectiva alienante que coloca um objeto imaginário no lugar da Coisa? Pois, nesse caso, é o "horror do encontro com a Coisa" que estaria sendo aparentemente encoberto. Quando, na verdade, o que está em jogo é algo da ordem da transformação desse horror, dessa parte maldita do gozo, num novo discurso acerca dele. Por que não dizer uma nova erótica?

Afinal, como fazer sentido com nada? É a partir dessa experiência do vazio da Coisa, do vazio do significante que falta ao Outro que se abre a inesgotável possibilidade do novo, de nova orientação pulsional. Insistamos nisso — na sublimação não se trata de mascarar o vazio da Coisa, mas de trabalhar a partir do vazio, de inventar aquilo que passa sem poder ser representado, mas que requer, por isso mesmo, o ato criativo.

Numa análise, aponta-se o núcleo onde se circunscreve o ser e onde se faz a prova de sua inércia. Isso remete ao caráter crucial do novo e a sua possibilidade. Foi mesmo a partir da experiência de estancamento que acompanha a análise que

Freud extraiu a operação de perlaboração [*Durcharbeitung*], a qual constitui a essência mesma daquilo que distingue o trabalho analítico das terapêuticas sugestivas. A partir dessa descoberta e da assunção do princípio de repetição, pôde elaborar a própria condição do novo.

Nessa perspectiva, podemos inserir o trabalho de Freud sobre o chiste [*Witz*] e a retomada feita por Lacan na tentativa de pensar o novo na psicanálise, pois no *Witz* algo novo se dá a ver no dizer, o que levou Lacan a falar de mudança psíquica no final da análise relacionando-a precisamente ao bem dizer. Aqui, é preciso pensar no *Witz* como uma nova forma, um novo modo de dizer, uma mensagem inesperada, paradoxal, e até mesmo escandalosa. Trata-se, então, do chamado a um significante novo, inédito, aquele que escapa ao código e, portanto, indica o furo no Outro, a falta no tesouro dos significantes.

É curioso pensar que, mais uma vez, estamos no movimento de desvio daquilo que escapa à norma, ao sentido que se repete, ou seja, estamos na estrutura de recorrência da tirada espirituosa, que produz uma distância inovadora.

Ora, Lacan chegou a conceber o passe como um neologismo, uma nova forma de dizer que conta *como* o sujeito aprendeu a "fazer com" a repetição. Uma nova relação com o real, um novo modo de lidar com o gozo, uma nova posição subjetiva.

Cabe lembrar que na estrutura da tirada espirituosa estão implicados não só a produção de uma distância, ou seja, de um desvio, como também o reconhecimento dado pelo Outro, o que nos evoca de imediato as características da sublimação, do ponto de vista freudiano — o desvio da finalidade pulsional em termos de novas metas, já que o sexual é apresentado e ao mesmo tempo ocultado pelo dito chistoso, permitindo justamente o enlaçamento social típico dos efeitos sublimatórios.

Por ora, insistimos que a pulsão é um saber que opera sem saber de si, mas produzindo resultados. Ela é deriva. Logo, se há perlaboração analítica, aquele sujeito narcísico inicial, que não suportava algo não significado, tendo feito a experiência de ser sujeito do inconsciente, sai de uma análise mais habituado ao real, ao que há de vazio no ser e no dizer. O que a pulsão contorna de fato, no seu percurso em busca de satisfação, é o inexorável vazio estrutural — faz tecido, trama, texto, texturas, fissuras, tessituras. Trata-se de fazer algo com o nada. Ser artista na vida — dar à luz com linha, agulha, papel, tinta, barro, torno, corpo, voz, sopro.

Pensamos que o trabalho psicanalítico, ao proporcionar a descoberta e o encontro com a diferença, promove no sujeito em análise mais disponibilidade, mais humor, mais abertura para sair de uma gama de referência para outra, o que leva necessariamente a um incremento da capacidade e atividade criadoras, já presentes virtualmente em qualquer um de nós. O sujeito é, assim, um porvir. A obra ou qualquer outra realização sublimatória é um basta ao saber que não sabe de si — poder fazer uma assinatura.

Portanto, para o bem ou para o mal, não há como evitar um certo montante de trabalho sublimatório na vida. Entretanto, é preciso que se diga, embora a sublimação seja uma saída, ela não é um abrigo — existir implica sempre o fato de termos que nos haver com nosso desamparo [*Hilflösigkeit*] primordial. Nem a sublimação, nem tampouco a satisfação sexual direta e irrestrita podem eludi-lo ou evitar o encontro final com a morte. Isto é definitivo.

rererências bibliográficas

Besset, V. L. Entre o sublime e o ridículo "*il n'y a qu'un pas...*"; considerações sobre a sublimação e o mal-estar. 4ª Jornada da EBP – Seção Minas Gerais, 1998. (Inédito)

Freud, S. *Recordar, repetir y reelaborar – Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II. Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XII.

Freud, S. *De guerra y muerte. Temas de actualidad. Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XIV.

Freud, S. *Introducción del narcisismo. Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XIV.

Pereña, Francisco. Sintoma e criação. In: Fundação do Campo Freudiano. *O sintoma-charlatão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Soler, C. El problema de la sublimación. In: *Seminário del Campo Freudiano de Madrid (1988-1989) – La ética del psicoanálisis.* Madrid: Fundação do Campo Freudiano, [s.d.].

Stasse, P. Paradoxos da sublimação. In: Fundação do Campo Freudiano. *O sintoma-charlatão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Vieira, M. A. Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto. In: Ribeiro, M. A. C., Mota, M. B da. (orgs.). *Os destinos da pulsão.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.